

# A FRATERNIDADE NÃO BURGUESA EM SAGRANA, QUARUP E OUTRAS NARRATIVAS BRASILEIRAS

Arturo Gouveia

42

**Uma sangria de trevas: a fraternidade não burguesa em Sagraana, Quarup e outras narrativas brasileiras** consiste em uma tese defendida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2015, como requisito para obtenção do grau de professor titular.

A sequência do livro tem duas partes essenciais. A primeira parte é a apresentação de todo um embasamento teórico sobre a história e a conceituação da fraternidade no mundo ocidental, em duas vertentes: o legado do cristianismo e as concepções políticas do Iluminismo e da Revolução Francesa. O objetivo é extrair fundamentos para a apreciação analítica dos textos literários, mas também mostrar o quanto as reflexões sobre a fraternidade, em avanço extraordinário nos últimos anos em vários campos do conhecimento, praticamente em nada têm tocado a teoria da literatura e a crítica literária.



Capa do livro *Uma sangria de trevas*

43

A segunda parte é a análise do *corpus* elencado para estudo: “A hora e vez de Augusto Matraga”,<sup>1</sup> de Guimarães Rosa, e *Quarup*,<sup>2</sup> de Antônio Callado. Em relação ao conto rosiano, uma parte da análise dos pretos velhos que protagonizam a ação fraterna já se encontra no ensaio “A fraternidade como exceção”, no livro *Da ignomínia à pertença*, publicado pela Editora Cajuína em 2021.<sup>3</sup> Como se trata de publicação em livro (mesmo tipo de suporte da presente publicação), resolvemos não reproduzi-la aqui, para não contrariar certos princípios ético-acadêmicos. O mesmo se pode dizer do adendo final da tese, publicado no e-book *Pensando as Américas: narrativas e violência*, sob o título ‘Literatura, violência e fraternidade: a expansão da pesquisa’.<sup>4</sup> Entretanto, é procedimento comum, no âmbito das relações acadêmicas, a reprodução, em livros, de textos

publicados inicialmente em revistas. Isso é discernível em autores como Antonio Candido, Roberto Schwarz, Alfredo Bosi, José Paulo Paes, que têm ensaios publicados primeiramente em uma das maiores revistas brasileiras – *Novos Estudos Cebrap* – e depois em livros específicos. Assim, conservamos aqui uma parte já publicada sobre *Quarup* na revista *Sociopoética*: “A fraternidade como provocação”.<sup>5</sup>

Normalmente, na elaboração de um trabalho de grau, segue-se uma observação capital da metodologia da pesquisa e da teoria do conhecimento: a consideração de quatro componentes essenciais à formulação de uma hipótese plausível e ao desenvolvimento da pesquisa. Tais componentes são: o *corpus*, a categoria analítica, a fundamentação teórica e a fortuna crítica.

Essas quatro componentes funcionam como variáveis que, articuladas entre si, permitem um número extraordinário de combinações e resultados diferentes. A articulação dessas variáveis apresenta um paradoxo do ponto de vista das finalidades almejadas. Por um lado, em termos concretos, a delimitação das componentes tem que seguir um rigor muito preciso; quanto mais específicas as escolhas, mais seguro é o resultado desejado. Por outro lado, as variáveis apresentam entre si uma autonomia relativa que possibilita a substituição por outras variáveis, exatamente para propiciar a pluralidade de enfoques e de objetivos. A harmonização entre as componentes, no caso, é imprescindível à unidade inerente a uma pesquisa.

Falamos aqui de uma pesquisa harmônica, que pressupõe a coerência entre as partes envolvidas, mas o oposto também pode funcionar: a fortuna crítica pode ser negada pelo *corpus*, a fundamentação teórica pode ser negada pela categoria etc. Essa relação desarmônica mui-

tas vezes é indispensável ao crescimento das reflexões sobre determinados fenômenos.

Um trabalho qualificado pode comungar das duas vertentes. O aproveitamento de toda uma tradição de pensamento é algo tão necessário quanto a problematização dos seus conteúdos. Nessa medida, a assimilação de uma tendência e de outra assume graus de parcialidade, a depender da questão envolvida na discussão, bem como da natureza do objeto examinado. No campo da teoria da literatura e da análise literária, o diálogo crítico com os textos enriquece os enfoques.

Na leitura do *corpus* aqui elencado, adotamos as duas perspectivas de trabalho, por identificarmos posições bastante congruentes nas análises já existentes, assim como equívocos e superficialidades sobre os textos. Essa questão envolve algo muito relevante no desenvolvimento do trabalho.

Ora, delimitado o conjunto das componentes, a crítica deve centrar-se na busca de aprofundamento, em termos analíticos, de resultados coerentes e concretamente demonstráveis, evitando-se meros comentários vagos e circunstanciais sobre as obras. A delimitação da categoria, por exemplo, influencia todo o resto do trabalho: a fundamentação teórica tem que corresponder a ela; a fortuna crítica tem que ser restringida ao *corpus* e aos aspectos abordados. Estabelecido tal encadeamento, cabe ao crítico, entre outras tarefas, identificar de que forma e a partir de que perspectivas o objeto em estudo já foi abordado por outros. Com base nesses dados, formula-se uma hipótese diferente, justificável pela situação em que se encontram as abordagens, para que haja contribuições novas ao enriquecimento da fortuna crítica.

No caso do conto rosiano, verificamos que a crítica jamais abordou os personagens secundários, a não ser em comparações muito rápidas com o perfil e o destino do protagonista. Dos primeiros ensaios qualificados, como os de Maria Sylvania de Carvalho Franco e de Walnice Nogueira Galvão, nos anos setenta, aos mais recentes, como dos anais eletrônicos da ABRALIC e outras fontes, do século vinte e um, percebe-se um excesso de focalizações centradas no personagem principal. Apesar de serem trabalhos inteligentes, cuja qualidade não pode ser negada, já se contam quase quarenta anos de produção acadêmica sobre uma mesma categoria. De qualidades diferentes e também explorando aspectos adversos do protagonista, é palpável, contudo, uma redundância crítica muito grande nos ensaios, sobretudo quando o espaço reservado à análise textual é reduzido e substituído por paráfrases.

Nossa opção por uma categoria temática inexplorada – a fraternidade – e por uma categoria estrutural superficialmente comentada – os personagens secundários, no caso, os pretos velhos – apresenta uma proposta nova de leitura de um dos maiores contos da língua portuguesa.

**46**

Justificativa idêntica serve para a análise de *Quarup*, romance calladiano excessivamente estudado no tocante à saga e às transformações do protagonista, mas praticamente intocado no que respeita aos personagens secundários que, a exemplo do que ocorre no enredo rosiano, são responsáveis pelo cuidado e pela sobrevivência do herói. O descaso da crítica brasileira quanto a isso nos instiga a uma revisão para que os estudos cresçam em outras linhas de pesquisa, valorizando outros aspectos dessas narrativas tão complexas. O diferencial do presente estudo, pois, apoia-se nesse empenho.

NOTAS

- 1 ROSA, Guimarães. *A hora e vez de Augusto Matraga*. Ficção completa. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 429-462.
- 2 CALLADO, Antônio. *Quarup*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. (Coleção Vera Cruz – Literatura Brasileira, v. 120)
- 3 GOUVEIA, Arturo. A fraternidade como exceção. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Da ignomínia à pertença: nove ensaios sobre Augusto Matraga*. Coitia, SP: Cajuína, 2021, p. 89-116.
- 4 GOUVEIA, Arturo. “Literatura, violência e fraternidade: a expansão da pesquisa”. In: ALMEIDA, Denise; PORTO, Luana Teixeira (Orgs.). *Pensando as Américas: narrativas e violência*. Disponível em [http://editoracatarse.com.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Pensando\\_as\\_americas\\_narrativa\\_e\\_violencia.pdf](http://editoracatarse.com.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Pensando_as_americas_narrativa_e_violencia.pdf)
- 5 GOUVEIA, Arturo. A fraternidade como provocação. *Sociopoética*. <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/view/3802/2171>